

DATAS COMEMORATIVAS NA EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DE OUTRAS ALTERNATIVAS E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Amélia Aparecida Barbosa

Prefeitura Municipal de Campinas – ameliabarbosa2012@hotmail.com

O objetivo geral do Projeto Pedagógico do Centro Municipal de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho, situado na região noroeste do município de Campinas/SP, se mostra pertinente à convergência de pensamento do grupo de quatro professoras atuantes na unidade, colocando em xeque a importância real ou com conotação consumista das datas comemorativas nos planos de ensino na educação infantil, levando-nos a refletir sobre um processo de desvinculação destas de nossa prática pedagógica.

Dada a importância e a amplitude do significado desta mesma desvinculação, propusemos encontrar formas para oferecer um ambiente estimulador para que a criança possa se desenvolver integralmente, nos aspectos social, afetivo, perceptivo-motor e cognitivo; criar condições para que ela descubra e utilize as diferentes linguagens para comunicar-se com o mundo em que convive, podendo expressar suas ideias, sentimentos, desejos e necessidades para desenvolver seu processo de crescimento emocional, cognitivo, social, ético e cultural.

Através deste objetivo, procuramos sintetizar o que acreditamos na educação, ou seja, como professores, criarmos diferentes formas para que as crianças se desenvolvam de forma integral; onde cada turma tem sua trajetória particular, pois, cada uma tem sua formação e necessidades específicas.

Durante o início de cada ano letivo, ao longo das primeiras reuniões de planejamento, resolvemos repensar a questão das datas comemorativas e dos projetos, pois concluímos que o trabalho com as datas acaba sendo muito superficial e que é mais válido investir tempo e pesquisa em um projeto, a partir de um grande tema gerador, ao longo do ano. Portanto decidimos que, anualmente, faríamos a escolha de um tema que será subdividido entre as turmas ou o mesmo tema será organizado em forma de projeto para ser trabalhado entre as turmas do CEI.

Durante as primeiras reuniões de planejamento para o ano letivo de 2014, o grupo de professoras do Centro de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho ingressou em estudos e discussões sobre a importância das datas comemorativas no contexto, fazeres e objetivos pedagógicos para estruturar o trabalho pedagógico. Frente ao incômodo em secundarizar as curiosidades infantis e inserir atividades centradas nas datas eminentemente comerciais, por vezes descontextualizadas do cotidiano do grupo, propusemo-nos o desafio de (re) construir uma proposta que estivesse focada apenas na criança.

Ao depararmos-nos com diferentes formações familiares, acreditamos que uma festa que reúna a família como ela é, seja com avó, avô, pai, mãe, tio, tia, seja a mais apropriada que pautarmos-nos em datas comerciais e, por vezes, fora da estruturação familiar da criança. Para este tipo de evento planejamos oferecer um café, realizar a exposição de alguns trabalhos feitos pelas turmas e, além disso, oficinas e resgate de brincadeiras desenvolvidas entre famílias e crianças.

Entendemos que ao iniciar um novo ano letivo trazemos experiências e expectativas acerca de trabalhos pedagógicos, os significativos que foram frutíferos e nos levam às melhorias e os insucessos que culminam em dedicação ainda maior aos estudos, práticas e registros de forma a aprimorarmos o fazer educativo.

Acreditando ser a educação algo móvel, espaço de trocas, não apenas entre as crianças e ao atendimento de sua curiosidade latente, mas especialmente do educador em processo dialético, entrelaçando a teoria e a prática, os questionamentos suscitados pelas indagações infantis e o avaliar/planejar que leva ao encontro de novas propostas.

Como intenção – maior - temos a busca por ouvir a fala da criança e sustentá-las com novos elementos, instigar questionamentos, alimentar a curiosidade e criar situações nas quais possa ocorrer experimentação, descoberta e crescimento dentro do universo infantil.

Neste sentido, a proposta está voltada à educação para a cidadania: suas metas básicas são a cooperação e a autonomia, as crianças são encaradas como pequenos cidadãos e cidadãs, e o trabalho escolar é entendido como o que deve garantir o acesso aos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade e formar, simultaneamente, indivíduos críticos, criativos e autônomos, capazes de agir no seu meio e transformá-lo. (KRAMER, 2005, p.13), elementos estes que o fragmentar de um currículo pautado em datas comemorativas não daria conta.

A transformação do meio a partir da ação nos faz ver e vislumbrar a concepção de educação infantil na qual a criança seja integrada ao movimentar dos conhecimentos históricos trocados e mantidos socialmente e, conjuntamente, abra possibilidades de indagar, experimentar e

interagir em situações nas quais possa construir conceitos próprios, respeitadas suas particularidades, vindo a modificar o conhecimento em mobilidade.

Enquanto educadoras entendemos que, ao ouvir a criança, o planejamento poderá seguir por caminhos não pensados anteriormente, mas é justamente esta possibilidade de alterar para atender as curiosidades do coletivo é que mais desperta fascínio pelo educar. Educar, simplesmente, por que aprendemos juntos.

Partindo do princípio de que a proposta pedagógica, mais do que falada, precisa ser ouvida e praticada acreditamos que a educação infantil se pauta na ludicidade e nas múltiplas possibilidades que o brincar possibilita ao universo do desenvolvimento infantil. Desta forma, o ambiente precisa ser um facilitador e é por isto que nos propomos a criar situações nas quais as crianças possam buscar por si a superação de obstáculos encontrados.

Dar voz e vez às falas infantis é permitir-se oferecer situações de construções e perceber-se parte deste universo, porém não o ator principal, cabe ao adulto subsidiar sem cercear a curiosidade infantil e os planejamentos apresentados (semanário, semestral, anual, etc.) terão abertura para inserção de elementos que surgirem em grupo.

Como o planejamento é estruturado, mas não estático, é possível brincar com elementos e curiosidades que – inicialmente – não faziam parte da proposta. Estaremos interagindo, perguntando e respondendo, ao mesmo tempo em que respeitaremos a coletividade, integrando-nos com as demais turmas e dando corpo ao trabalho do espaço social desta nossa unidade de educação infantil.

Cabe acrescentar que são dois desafios em um primeiro momento a respeitar, primeiramente é perceptível que as crianças com as quais convivemos estão mais amadurecidas e independentes, além de curiosas e apresentando elementos à melhoria das propostas levadas ao grupo, as crianças sempre trazem ao planejamento elementos que colocam durante as conversas e propostas de trabalho, o que nos é bastante enriquecedor.

Por outro lado, existe a problemática da adaptação de crianças bem mais novas e advindas de uma rotina diferenciada, que é o ambiente da creche, seja em relação ao tempo de permanência na unidade escolar, o educar e cuidar específico com o qual estavam habituados ou a mudança de espaços/rotinas elementares como não haver hora do sono ou mais que um educador.

Trabalhando com agrupamentos multietários percebemos que pode ser positivo ter o apoio das crianças mais velhas na recepção afetiva dos mais novos, assim podemos estreitar relações e construir o coletivo com o qual todos lidaremos ao longo do ano. Como em todas as relações

humanas, também, temos conflitos e procuramos intermediar as regras de convivência para que possamos efetivar os hábitos deste coletivo.

É importante estabelecer regras de convívio, inclusive por se tratar de vivências diferentes, agora, agrupadas e passíveis de ajustes de conduta, o que é feito nos momentos de roda, divisão de espaços, diálogo para expressar vontades e liberdade para migrar de uma atividade proposta à outra de forma independente, o que o uso da proposta dos cantinhos acaba por facilitar e favorecer.

Tendo o exposto, objetivo conduzir o trabalho pedagógico atentando às necessidades individuais e respeitando a coletividade atentando aos aspectos cognitivos, social, físico e afetivo como parte do todo que se mostra em cada ser humano. Crianças não são partes, são os elementos que se interligam: a necessidade de aprender, as relações com seus pares, as necessidades de mobilidade do corpo que fala e a afetividade que a liga aos demais e situações vivenciadas cotidianamente.

Após aproximadamente quatro anos trabalhando com materiais não estruturados, apreciação e oportunização de experiências artísticas às crianças, acreditamos ter mostrado à comunidade que a proposta ampla é infinitamente mais significativa às crianças, cujas vivências farão parte de repertórios e experiências de vida, diferentemente do que ocorreria se, apenas, confeccionassem uma lembrança ou apresentassem uma dança à família, isto para não entrarmos no mérito do quão penoso seria àquelas que não poderiam enxergar-se em um contexto diferentes dos pessoais.

Em realidade, segundo esta proposta, o conhecimento apropriado edifica o desenvolvimento intelectual do aluno e com isso amplia suas possibilidades de intervenção e compreensão da realidade.

Objetivamente (re) visitando os tempos e aprendizagens das crianças como seres singulares e com direitos de aceitação e negação ao novo, cabe ao educador oferecer possibilidades de exploração de diferentes vertentes para que o interesse seja latente e a apreensão de comportamentos sociais, apreciações artísticas e relações se façam presentes no cotidiano infantil em todos os momentos de sua vida escolar.

Acreditando, com base no postulado de Paulo Freire, nós não somos seres compartimentados e temos sede por entender o mundo que nos envolve. Trazemos como proposta o trabalho com experimentações que agucem os sentidos e despertem a potencialidade criadora (natural) da criança, para atingir tais objetivos a adaptação e inserção ao desenvolvimento do fazer

pedagógico, que não se dá sem o envolvimento da criança, de forma dialética a mover o planejamento, com todas as suas idas e vindas.

Não foi um processo fácil, pois incluía desconstruir ideias de uma prática linear realizada há longo tempo, mas surtiram efeitos positivos. As festas temáticas foram substituídas pelo oferecimento de experiências culturais, festas nas quais toda e qualquer pessoa da família pudesse estar na escola, estreitando laços com a comunidade e a inserção de elementos, jogos simbólicos, brinquedos não estruturados e maior exploração do espaço físico da escola, isto por dispormos de mais tempo para pensar o brincar e colocá-lo como foco do planejado para o desenvolvimento das potencialidades infantis.

Neste contexto, ganhamos todos, professores com apuração do olhar sobre as práticas, crianças na liberação de suas curiosidades e descobertas, famílias mais presentes na vida dos filhos. O processo está, ainda, em fase embrionária, mas vemos com grande esperança de crescimento dos projetos de aprendizagem com espaços para pensar e refletir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE VRIES, R. e ZAN, B. A ética na Educação Infantil. O ambiente sócio-moral na escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KISHIMOTO, T.M. O jogo e a educação infantil. São Paulo: Pioneira, 1994.

MANTOVANI DE ASSIS, O. Z e ASSIS, M.C. (Orgs) PROEPRE: fundamentos teóricos da educação infantil II. 4ª ed. Campinas, SP: Gráfica FE; IDB, 2003.

CAMPINAS. Diretrizes curriculares da educação básica para o ensino fundamental: educação de jovens e adultos e anos finais: um processo contínuo de reflexão e ação. Campinas, 2010.